



Revista Brasileira de Enfermagem

ISSN: 0034-7167

reben@abennacional.org.br

Associação Brasileira de Enfermagem

Brasil

Pereira Jardim, Dulcilene; Silva Brêtas, José Roberto da
Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP
Revista Brasileira de Enfermagem, vol. 59, núm. 2, março-abril, 2006, pp. 157-162
Associação Brasileira de Enfermagem
Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=267019622007>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP

Sexual orientation in school: conception of the teachers from Jandira - SP

Educación sexual en la escuela: la concepción de profesores de Jandira – SP

Dulcilene Pereira Jardim

Enfermeira. Especialista em Saúde Pública.

José Roberto da Silva Brêtas

Enfermeiro. Psicólogo. Doutor em Enfermagem.
Professor Adjunto do Departamento de
Enfermagem da UNIFESP.Orientador.

*Trabalho resultante da monografia de conclusão
do Curso de Especialização em Saúde Pública do
Departamento de Enfermagem da UNIFESP.*

RESUMO

A escola exerce um importante papel na orientação sexual durante a adolescência. Este estudo teve como objetivo identificar o conhecimento e a atuação em sexualidade dos professores de ensino fundamental e médio. Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, cujos dados foram obtidos por meio de um questionário, respondido por 100 professores da rede de ensino público do município de Jandira, SP. Os resultados demonstraram que, apesar de considerarem a importância do tema, a maioria dos professores não dispõe de conhecimentos suficientes para promoverem orientação sexual aos adolescentes, atendo-se muito mais no aspecto biológico da sexualidade do que nos sentimentos e valores que a envolvem. Conclui-se que programas de treinamento e capacitação sobre sexualidade na adolescência são necessários a esta população.

Descritores: Orientação sexual; Educação Sexual; Adolescência.

ABSTRACT

School has an important role in sexual orientation during adolescence. This study aimed at identifying the knowledge and performance of fundamental and high school's teachers regarding sexuality. Data of this exploratory and descriptive study were obtained through a questionnaire, which was applied to a hundred teachers from the public network school system of the county of Jandira, SP. Results demonstrated that, despite subject relevance for the teachers, they do not have the use of enough knowledge to promote sexual orientation to adolescents, addressing biological issues of sexuality instead of the involving feelings and values. It was concluded that training and education programs about sexuality in adolescence are necessary to this population.

Descriptors: Sexual behavior; Sex education; Adolescent.

RESUMEN

La escuela tiene un importante rol en la orientación sexual durante la adolescencia. Este estudio objetivó identificar el conocimiento y la actuación de maestros de escuelas fundamentales y secundarias acerca de la sexualidad. Tratase de un estudio exploratorio y descriptivo, cuyos datos fueron obtenidos por medio de un cuestionario, respondido por 100 profesores de la red de ensino público de lo municipio de Jandira – SP. Los resultados han demostrado que, mismo considerando el tema importante, la mayoría de los profesores no tiene conocimientos suficientes para promover la orientación sexual a los adolescentes, señalando mucho más los aspectos biológicos de la sexualidad do que aquellos relativos a los sentimientos y valores que envuelven el tema. Se ha concluido que los programas de entrenamiento y capacitación son necesarios a esta publicación.

Descriptores: Conducta sexual; Educación sexual; Adolescente.

Jardim DP, Brêtas JRS. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. Rev Bras Enferm 2006 mar-abr; 59(2):157-62.

1. INTRODUÇÃO

A adolescência tem sido tema de muitos estudos na atualidade. Isso se deve ao fato de ter ampliado seu espaço etário diminuindo a infância e postergando o seu ingresso na fase adulta⁽¹⁾.

Fisicamente, o adolescente está sob intensas transformações estimuladas pela ação hormonal característica da puberdade, com acontecimentos como a menarca e a semenarca, cada vez mais precoces, dentre outras alterações biológicas as quais propiciam uma série de eventos psicológicos que culminam na aquisição de sua identidade sexual⁽²⁾. Ao final desta transformação os indivíduos estão aptos para a reprodução, entretanto, a grande maioria não desenvolveu as habilidades emocionais necessárias para isso⁽³⁾.

Esta fase tem sido marcada por intensas mudanças no seu comportamento individual e coletivo, o que tem exposto o adolescente a muitos riscos físicos, psíquicos e sociais. Dentre as vulnerabilidades da adolescência moderna podemos citar o desenvolvimento sexual como um tema de extrema importância para nossa atenção e estudo com vista aos problemas que este assunto

tem levantado, como a gravidez precoce e a transmissão de DST e do HIV.

Diante desta realidade, vemos a importância da educação com vista à prevenção. E Ao se falar em Educação Sexual, o Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS) a define como “*todo o processo informal pelo qual aprendemos sobre a sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia*”, enquanto define Orientação Sexual como “*processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas*”⁽⁴⁾.

Neste sentido, a família, a sociedade e a escola são as instituições básicas para o desenvolvimento das ações educativas, ajudando o adolescente a enfrentar as situações de risco muitas das quais por ele mesmo geradas.

A educação sexual é prioritariamente uma competência da família, pois é peça chave na formação da identidade de gênero e no desempenho dos papéis sexuais de seus filhos⁽⁵⁾. A família mesmo que não dialogue abertamente sobre sexualidade, é quem dá as primeiras noções sobre o que é adequado, ou não, por meio de gestos, expressões, recomendações e proibições⁽⁶⁾.

Independentemente da participação familiar no processo educativo, a sexualidade está abertamente debatida na sociedade e nos meios de comunicação, como a televisão, o rádio e a Internet, que têm influenciado diretamente o comportamento do adolescente com um bombardeio de informações em sua maioria, distorcidas sobre a sexualidade.

Somando-se as instituições que interferem na educação sexual do adolescente encontramos a escola, parte essencial do nosso estudo. Sabe-se que a escola é um cenário muito apropriado para o desenvolvimento de um programa de educação sexual, por que além de uma ação direta que exerce sobre os educandos, indiretamente incentiva a própria família a desempenhar o seu papel⁽¹⁾.

A escola é o ambiente social no qual o indivíduo passa grande parte de sua vida, e é um dos principais elementos para contatos interpessoais⁽⁷⁾, por isso deve contribuir para o desenvolvimento de uma educação sexual que promova no adolescente senso de auto-responsabilidade e compromisso para com a sua própria sexualidade⁽⁸⁾.

A orientação sexual na escola está sugerida nos novos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) elaborados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), dando autonomia aos próprios estabelecimentos de ensino para decidirem a forma de abordarem esta temática⁽⁹⁾.

No entanto, sabemos que estas instituições enfrentam dificuldades para a inserção de novas práticas em educação sexual, e muitas vezes deixam de oferecer um espaço para que ocorram debates sobre saúde reprodutiva e sexualidade de uma forma contínua, referidos principalmente a carência de recursos materiais e pessoal capacitado^(6,10).

Para que a educação ocorra é necessário um educador e o professor é o grande agente na integração da orientação sexual na vida escolar. Mas será que este personagem está preparado para esta tarefa?

A educação sexual é com certeza uma grande estratégia de prevenção dos problemas relacionados ao desenvolvimento da sexualidade na adolescência, mas a escola apresenta dificuldades em cumprir seu papel, pois este trabalho resulta entre outros fatores, de docentes capacitados previamente para a função^(7,11).

Considerando a orientação sexual como fator essencial ao desenvolvimento seguro da sexualidade na adolescência, e tendo a escola como cenário propício a este trabalho e o professor como peça chave para sua execução, este trabalho teve como objetivos identificar o conhecimento e a prática destes professores sobre orientação sexual, bem como dimensionar o nível de dificuldade dos mesmos ao lidar com a sexualidade dos seus alunos.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo-exploratório com abordagem

quantitativa. O estudo descritivo pretende descrever as características de determinada população ou fatos e fenômenos de determinada realidade, sem nela interferir para modificá-la⁽¹²⁾.

O desenho de estudo descritivo promove um delineamento da realidade uma vez que esta descreve, registra, analisa e interpreta a natureza atual ou processos dos fenômenos. afirmam os autores o enfoque deste método sobre as condições dominantes da realidade, ou como uma pessoa, grupo ou coisa se conduz ou funciona no presente, empregando para este fim a comparação e o contraste. Na resolução de problemas, informa as condições atuais, necessidades e como alcançar resultados⁽¹³⁾.

Este estudo foi realizado no período de Janeiro a Setembro de 2005, na rede pública de ensino do Município de Jandira, o qual se encontra à oeste da região metropolitana de São Paulo, com uma população de cerca de 105.000 habitantes em seus 22 mil Km², cuja economia baseia-se na indústria e no comércio. A rede pública de ensino tem 28 escolas, e destas 14 oferecem da 5^a série até o ensino médio, das quais 7 fizeram parte deste estudo conforme aceitação das mesmas.

Estima-se que nas escolas participantes do estudo a população de professores seja de 150 somando-se os efetivos e os eventuais. A amostragem do estudo foi aleatória, que contou com 100 professores conforme a disponibilidade em participar da pesquisa, os quais lecionavam da 5^a série do Ensino Fundamental ao 3^º ano do Ensino Médio, independente da disciplina ministrada.

A coleta de dados se deu através de um questionário semi-estruturado, sendo que a primeira parte visou caracterizar a população e a segunda obter dados sobre o conhecimento e atuação no que tange a orientação sexual na escola, o qual teve duração média de 15 minutos para ser respondido.

Os dados obtidos foram analisados e interpretados em um contexto quantitativo, expressos mediante símbolos numéricos. Apresentados em tabelas e gráficos para melhor compreensão dos mesmos e analisados descritivamente.

O projeto desta pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo. Uma vez que obtivemos a aprovação para realização da pesquisa os professores foram orientados e aceitaram participar da mesma. Desta forma, confirmamos que todos os procedimentos metodológicos obedeceram aos padrões estabelecidos pela Resolução 196/96, que trata das Normas de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos⁽¹⁴⁾.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Caracterização da população estudada

A amostra foi composta por 100 professores de 7 escolas, com idade média de 34 anos. Destes 68% eram mulheres e 32% homens. Quanto ao estado civil, 27% eram solteiros, 55% casados, e 17% divorciados, sendo de 2 a média de filhos, e 21% dos professores tinham algum filho na adolescência. A renda familiar média foi de R\$ 2.630,61.

Quanto à carga horária, 30% trabalham apenas em um período; 50% trabalham em dois períodos e 20% trabalham nos três períodos: manhã, tarde e noite. Além da carga horária de trabalho como professor, 8% deles ainda exerciam outra atividade ocupacional não relacionada à educação.

Com relação à formação escolar, somente 83% tinha formação superior, 14% tinham especialização, 3% eram mestres.

Na variável religião encontramos 51% católicos, 23% evangélicos, 5% espíritas e 21% não têm religião. Durante a coleta de dados observou-se mais resistência de professores com religião em relação aos que não tinham, devido a temática tratada neste estudo.

A questão da religião se torna relevante porque muitas vezes ao abordar o assunto, professores e educadores tomam por base seus

próprios valores, com condutas discriminatórias e posturas pouco reflexivas, devendo, portanto ser cuidadosos para não misturar o trabalho de educação sexual com suas convicções pessoais, religiosas ou partidárias sobre a matéria^(9,15).

Independentemente da religião, 99% dos professores consideram importante a orientação sexual na escola, que segundo eles servirá para orientação e conscientização dos alunos preparando-os para a vida. Um professor ainda respondeu que “a escola é um espaço privilegiado para qualquer discussão”, concordando com Gherpelli⁽¹⁶⁾ que considera a escola o local eleito para inserir no processo educacional a educação preventiva. Considerando a escola neste contexto privilegiado, apenas 36% dos professores referiram que a sua escola já desenvolveu alguma atividade em orientação sexual, sendo que 14% delas restritas a palestras isoladas realizadas por convidados.

Por serem episódicas e desprovidas de continuidade, as palestras embora possam ter um impacto imediato e alterar momentaneamente a percepção do problema com base nas repercuções emocionais, raramente modificam atitudes⁽¹⁾, devendo, portanto ser restritas neste processo.

Algumas escolas não vêm desempenhando o seu papel social no que diz respeito à orientação sexual dos jovens. Este fato se torna preocupante diante desta problemática, pois um dos meios de orientar os adolescentes sobre o tema sexualidade, pode não estar cumprindo eficazmente o seu papel⁽¹⁷⁾.

Para mudar esta realidade, uma possibilidade é a Secretaria de Educação do município de Jandira incentivar a inclusão do estudo da sexualidade no currículo escolar, em parceria com organizações com interesses comuns.

Quanto se fala em currículo escolar logo nos vêm à mente os responsáveis pela educação: os professores. Este estudo pretendeu avaliar o conhecimento e habilidade dos envolvidos nesta tarefa, fazendo parte da pesquisa professores de todas as disciplinas que normalmente compõem um currículo escolar fundamental e médio. Sendo assim: Biologia (6%), Ciências (4%), Geografia (12%), Inglês (8%), Português (20%), Artes (5%), Matemática (19%), Educação Física (6%), Química (5%), Física (3%) e História (12%).

Quando falamos em orientação sexual na escola as opiniões se divergem quanto a se tratar do tema apenas nos conteúdos programáticos (nas aulas de Ciências e Biologia) ou como um tema transversal permeando todas as disciplinas do currículo escolar.

Nos PCN do MEC a orientação sexual está incorporada como tema transversal além de indicada a pertinência do espaço específico para a temática da sexualidade⁽⁴⁾. A orientação sexual comporta uma sistematização e um espaço específico⁽¹⁸⁾, mas não deve ser colocada em uma matéria obrigatória, nem a preocupação de que estas aulas possam gerar uma nota ou uma avaliação⁽¹⁹⁾.

O professor de qualquer disciplina pode realizar um trabalho de educação sexual, podendo abordar o assunto a qualquer momento em qualquer disciplina, pois é um tema transversal que atravessa fronteiras disciplinares^(6,18).

A sexualidade humana tem aspectos biológicos, sociais, relacionais que podem e devem ser abordados nos diversos grupos disciplinares existentes⁽²⁰⁾.

3.2 Apresentação dos dados

Concordando-se com a importância da orientação sexual na escola, os professores foram questionados quanto à idade ideal para começá-la, cujos resultados estão apresentados na tabela 1.

Dentre as maiores porcentagens, o início da orientação sexual para 16% dos professores deve ser entre os 07 e 09 anos exclusive, idade na qual normalmente os indivíduos se inserem no contexto escolar. Para 23% a orientação deve começar entre os 09 e 11 anos exclusive, sendo

Tabela 1. Concepção dos professores quanto ao período de início da orientação sexual. Jandira-SP, 2005.

Faixa etária	%
< 07	9
07 – 9	16
09 – 11	23
11 – 13	18
13 – 15	4
15 – 17	3
17 – 19	3
> 19	2
Quando ela perguntar	10
Não sabem	11
Total	100

os 10 anos o marco para se iniciar a orientação, idade qual para a OMS (Organização Mundial da Saúde) dá-se início à adolescência⁽²³⁾. Ainda para 13% deve-se começar a se falar em sexualidade entre os 11 e 13 anos exclusive.

A orientação sexual deve começar quando a criança entra na escola e se desenvolver ao longo de toda a vida escolar. Para o GTPOS, da 1^a à 4^a série do ensino fundamental esse trabalho é transversalizado com base na observação e na demanda das crianças, dispensando um espaço específico. Da 5^a série em diante, a transversalidade não dispensa mais a existência de um espaço específico para trabalhar com a sexualidade^(22,23).

Completando esta questão é importante salientar que, cada faixa etária possui características próprias que devem ser levadas em consideração para se garantir a compreensão das mensagens que serão passadas⁽⁶⁾, buscando sempre uma vinculação entre o conteúdo e a vida cotidiana do aprendiz⁽²⁴⁾.

Na tarefa de orientar sexualmente os alunos 45% consideram que os pais são os grandes responsáveis por esta missão, enquanto que 4% responsabilizam a comunidade e outros 4% a igreja. A maioria, 58% traz para si a responsabilidade da educação enquanto professores, desde que treinados para isso, enquanto que 10% direcionam a tarefa apenas aos professores de ciências e biologia. Para 29% a educação sexual na escola deve ser feita por profissionais especializados no assunto para garantir o sucesso da informação.

Em se tratando de orientação sexual, há uma transferência para a escola de uma responsabilidade que muitos pais não se dispõem ou encontram dificuldade em assumir⁽⁴⁾. Mas, a escola e a família têm papéis diferentes e complementares, uma não substitui a outra⁽²²⁾.

Ao se falar da escola, o professor se constitui um interlocutor confiável para as questões da sexualidade, na qualidade de adulto significativo para o aluno⁽²³⁾. Para tanto, há necessidade de disponibilidade pessoal do professor para atender às demandas que recebe em relação ao assunto e dependendo do estilo do professor ele pode inibir ou estimular o aparecimento de dúvidas por parte dos alunos⁽²⁵⁾.

Especialistas com capacitação comprovada em educação sexual podem promover uma constante reciclagem de conhecimentos dos professores, servindo de suporte técnico na orientação de problemas educativos⁽¹⁾.

Quanto à abordagem pedagógica dos assuntos relacionados à sexualidade, a maior parte dos professores acham que deve ser por palestras (19%), por discussões de situações reais (18%), e através de vídeos educativos (18%). Soma-se a estes, em menor porcentagem, jogos, teatros, entrevistas, músicas, e textos. Um professor acha que os pais devem estar envolvidos em alguma atividade com os filhos, e 21% não sabem como abordar o assunto.

Deve ser usada uma metodologia participativo-construtivista, devendo-se sempre partir do conhecimento que o aluno já possui sobre o assunto e ir preenchendo as lacunas nas informações. A educação sexual na escola não deve trazer respostas prontas, mas problematizar,

levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que cada um escolha seu próprio caminho^(6,16).

Concordando com os resultados deste estudo, o grupo de Estudos e Comunicação e Sexualidade -ECOS⁽⁶⁾ sugere que dinâmicas de grupo, jogos educativos, estudos de caso, dramatizações produzem um bom resultado neste sentido, e Gherpelli⁽¹⁶⁾ acha importante envolver a família neste processo.

Quanto aos assuntos que deveriam ser abordados na escola, 43% acham que devem ser discutidos todos os assuntos que envolvem a sexualidade; 38% acham que deve ser falado apenas sobre a gravidez na adolescência e os métodos contraceptivos; para 30% deve ser dito sobre as DST e suas formas de prevenção; 5% acham importante falar sobre auto-estima, valores e responsabilidades relacionadas ao exercício da sexualidade; 3% falariam sobre a família e o casamento, e 1% acha importante dar noções de higiene pessoal.

As temáticas a serem trabalhadas na educação sexual deveriam ser construídas junto com o adolescente baseadas nas suas necessidades⁽²⁶⁾ e não na necessidade do professor.

As discussões em sexualidade ainda estão muito restritas a prevenção da gravidez e das DST. Claro que estas são de grande importância, mas, os adolescentes precisam saber muito mais do que os métodos contraceptivos, mas também como negociar o seu uso, baseados em uma valorização pessoal e senso de responsabilidade individual e coletiva. Todos os assuntos relacionados à sexualidade devem ser abordados e com qualidade.

Quanto aos assuntos que Não deveriam ser mencionados na escola, 91% dos professores não restringiriam nenhum assunto, e 9% deles não falariam sobre o aborto e a masturbação para não estimularem os alunos a sua prática.

Ainda existe entre os educadores a concepção que se falarem sobre determinados assuntos estarão estimulando a sua prática, quando na realidade, os adolescentes muitas vezes já têm conhecimento destes "tabus" e carecem de esclarecimentos.

A ignorância não protege ninguém de nada, ao contrário, torna a pessoa mais vulnerável às situações por não saber lidar com elas⁽²²⁾.

Na prática, 55% dos professores disseram que abordam temas relacionados à sexualidade em sala de aula, de acordo com o plano de aulas (16%) ou respondendo aos questionamentos dos alunos (25%) mesmo que não façam parte do conteúdo programático. Os demais 45% dos professores não falam sobre assuntos relacionados à sexualidade em sala de aula.

Ao serem questionados quanto à segurança para falar sobre estes assuntos, apenas 33% sentem-se seguros para tanto. Então, como fazem os demais professores que na questão anterior afirmaram que falavam sobre sexualidade com os alunos e nesta questão expressam insegurança com o tema?

Podemos considerar que os demais professores não se considerem seguros para falar sobre todos os temas que envolvem a sexualidade e só abordam em sala de aula os assuntos os quais tenham domínio. O fato de assumir sua insegurança é um ponto positivo, pois pode estimular o professor a aumentar seu conhecimento sobre a temática.

Na tentativa de quantificar o conhecimento dos professores sobre a sexualidade na adolescência, os mesmos formam questionados quanto ao seu conhecimento e habilidade para colocar em discussão assuntos básicos para orientação sexual, respondendo se considerava o assunto "fácil", "difícil" ou "não falaria" sobre aquele assunto (Tabela 2).

Os resultados apontam que os professores têm mais facilidade em ensinar sobre a versão biológica da adolescência, a prevenção da gravidez e das DST's, do que discutir sobre a sua versão psíquica, sobre as vivências e conflitos decorrentes do crescimento e da sexualidade⁽²⁷⁾.

Informações e orientações a respeito da anatomia e fisiologia do

Tabela 2. Distribuição das dificuldades dos professores sobre as temáticas.

Tema	Respostas em %		
	Fácil	Difícil	Não Falaria
Transformações físicas na adolescência	82	15	3
Gravidez na adolescência e contracepção	86	11	3
DST/ AIDS	82	14	4
Masturbação	46	38	16
Desempenho sexual/ Orgasmo	39	42	19
Homossexualidade	53	35	12
Auto-estima	40	38	22
Sentimentos	32	40	28

aparelho reprodutor, muito embora sejam necessárias, não são suficientes. Falar sobre sexualidade é referir-se também a sentimentos, emoções e afetos fundamentais no desenvolvimento e na vida psíquica do ser humano⁽²⁸⁾.

O professor deveria estar preparado para polemizar, lidar com valores, tabus e preconceitos⁽⁴⁾, mas, continuam sem subsídios adequados para trabalhar essas questões e acabam dando à elas enfoque totalmente biológico com a função de preservar o educador frente aos alunos com relação aos seus próprios questionamentos, receios e ansiedades⁽²⁹⁾.

Este nível de discussão requer do professor muito mais habilidade e sensibilidade do que para falar dos assuntos escritos nos livros de biologia, exigindo dele constante aprendizado, atualização e reciclagem.

Os professores foram ainda questionados quanto ao seu conhecimento dos métodos contraceptivos, já que a gravidez na adolescência foi apontada como tema essencial de orientação aos alunos. A questão exigia não somente o seu conhecimento pessoal sobre os métodos contraceptivos, mas também sua habilidade de explicar ao adolescente o uso, vantagens e desvantagens na sua utilização. Os resultados obtidos foram: pílula (95%), camisinha masculina (91%), coito interrompido (72%), Dispositivo Intra Uterino (70%), injetável (61%), camisinha feminina (58%), tabelinha (52%), diafragma (46%), espermicida (38%), transdérmico (32%), anel vaginal (30%), intradérmico (18%) e não conhecem apenas 5%.

As adolescentes já conhecem os métodos contraceptivos e continuam engravidando porque existe uma lacuna entre o conhecimento e o uso dos contraceptivos e por muitos motivos este conhecimento não tem gerado ação⁽³⁰⁾.

É preciso levar os adolescentes à reflexão e negociar com eles a utilização do seu conhecimento para sua proteção. Os adolescentes do novo milênio querem falar de seus sentimentos, ansiedades, dúvidas e emoções compartilhadas.

Em sua origem, a educação sexual se caracterizava pelo aspecto informativo, biologizante e repressivo às manifestações da sexualidade. Em certos períodos teve como objetivo o controle da natalidade, e, mais recentemente, tem visado associar a idéia do prazer à sexualidade⁽²³⁾.

A realidade nos mostra que ignorar o tema ou privilegiar o aspecto informativo não foi suficiente, pois as informações sobre conduta contraceptivas de prevenção a AIDS não asseguram sua eficácia entre os adolescentes. Isso talvez ocorra por que as relações intersubjetivas têm mais influência que o simples repasse de informações aos adolescentes⁽³¹⁾.

Apenas 27% dos professores já participaram de algum tipo de treinamento ou capacitação para falar sobre sexualidade em espaço escolar, o que responde o alto índice de insegurança com o assunto. Felizmente, 90% da população do estudo expressou o desejo de participar de treinamento específico nesta temática para se capacitarem para uma orientação sexual efetiva, mas ainda 10% não manifestaram este desejo.

Os professores são peça chave na educação sexual sendo neces-

sário que ele participe de um processo amplo e aprofundado de formação tanto em termos de conhecimento quanto de uma metodologia adequada que lhe dê segurança transmitida aos adolescentes para expressarem sua opinião sobre o assunto⁽⁶⁾.

Para o sucesso da orientação sexual na escola faz-se necessário estabelecer um programa de capacitação em sexualidade para os professores interessados de modo que eles enfrentem os problemas com objetividade, sem medo e sem alarde, e se transformem em agentes multiplicadores da ação educativa⁽¹⁾.

4. CONCLUSÕES

O desenvolvimento da sexualidade faz parte de todo ser humano e seu ápice talvez se dê na adolescência onde são vivenciadas grandes transformações no corpo e mente de cada indivíduo. Estas mudanças precisam ser acompanhadas de perto para que através da prevenção se ofereça proteção.

No sentido de acolher e educar o indivíduo revela-se importante à educação sexual fornecida desde o nascimento pela família. Mas esta instituição nem sempre consegue cumprir satisfatoriamente sua função e acaba transferindo-a a outra instituição onde seu filho passará grande parte de sua vida: a escola. Sabemos que as duas instituições têm ações complementares na educação e que a escola também enfrenta dificuldades em cumprir seu papel na orientação sexual de seus alunos.

Para cumprir sua função educativa, a escola depende dos seus professores, os quais foram objetos deste estudo. Para eles a orientação

sexual para o adolescente é de grande importância para orientação e conscientização dos alunos preparando-os para a vida.

Uma parcela expressiva dos professores acredita que ela deve começar logo quando a criança ingressa efetivamente na escola, o que com certeza teria um caráter mais preventivo e facilitaria o trabalho nas séries subsequentes, mas muitos ainda a adiariam ao máximo possível talvez para fugir à responsabilidade de colaborar com esta educação.

A sexualidade na escola deveria ser trabalhada transversalmente em todas as disciplinas do currículo escolar, com professores devidamente preparados para esta função em uma metodologia participativa, com base na manifestação do próprio adolescente.

Os professores deste estudo mostraram-se inseguros com o seu conhecimento e prática nos conteúdos de orientação sexual, restringindo-se apenas aos conteúdos dos livros de ciências e biologia que se resumem na anatomia e fisiologia da reprodução e temas tradicionais da adolescência como a prevenção da gravidez e das DST/AIDS.

Dante da necessidade de conquistar o adolescente e de atingir as suas expectativas de discutir não só questões biológicas, mas também questões que envolvem sentimentos, valores, a moral e a ética, é necessário “construir” professores com habilidades essenciais, proporcionando a eles condições de ampliar e reciclar seu conhecimento, através de programas de atualização e capacitação direcionadas a sexualidade.

Só assim, teremos professores capazes de criar e manter um vínculo de confiança com o adolescente e cumprir os objetivos da orientação sexual na escola de levá-los a reflexão e aplicação do conhecimento para a construção da sua cidadania.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Projetos Educacionais Especiais. Diretrizes para uma política Educacional em Sexualidade. Série Educação Preventiva Integral. Brasília (DF): Ministério da Educação e Desporto; 1994.
2. Bréfatas JRS. A Mudança corporal na adolescência: a grande metamorfose. *Temas Desenvol* 2004; 72(12): 29-38.
3. Cardozo DN, Freitas IC, Fontoura MSH. Comportamento sexual de adolescentes do gênero feminino de extratos sociais distintos em Salvador. *Rev Paul Ped* 2002; 20(3): 122-7.
4. Suplicy M, Egypto AC, Vonk FVV, Barbirato MA, Silva MCP, Simonetti C, et al. Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia. 10ª ed. São Paulo (SP): Casa do Psicólogo; 2004.
5. Fonseca H. Abordagem sistêmica em saúde dos adolescentes e suas famílias. *Rev Adolescência e Saúde da UERJ* 2004 set; 1(3): 6-11.
6. ECOS - Estudos e comunicação em sexualidade. Promover a educação sexual nas escolas. São Paulo (SP): Instituto Polis; 2004. [citado em 12 jun 2005]. Disponível em: URL: <http://www.ecos.org.br/boletins.asp>
7. Costa COM, Lopes CPA, Souza RP, Patel BN. Sexualidade na adolescência desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. *J Ped* 2001; 77(supl 2): 217-24.
8. Feltrin S, Gil BNK. Educação sexual e contracepção de adolescentes das áreas rural e urbana: estudo comparativo. *Rev Cien Saúde* 1996; 15(1/2): 237-45.
9. Garcia F. Secundário sem disciplina de Educação Sexual. São Paulo (SP): Seminário Transmontano, 2004. [citado 12 jun 2005]. Disponível em: URL: www.seminariotransmontano.com/noticia_jornalista.asp?id_noticias_jornalista=2798
10. Gonçalves E. Educação sexual em contexto escolar: da formação de professor a sala de aula. São Paulo (SP): 2004. [citado em 1 nov 2004]. Disponível em: URL: <http://www.redemulher.org.br/teses39html>
11. Bréfatas JRS, Silva CV, Rua DV, Querino ID, Aquino PN, Cintra CC, et al. Estudo comparativo do comportamento sexual entre adolescentes de segmentos sociais diferentes. *Acta Paul Enferm* 2003; 16(1): 30-40.
12. Triviños ANS. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo (SP): Atlas; 1992.
13. Gauthier JHM, Cabral IE; Santos I; Tavares CMM. Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara-Koogan; 1998.
14. Ministério da Saúde - Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.19 de 10 de outubro de 1996: Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas em seres humanos. *Mundo Saúde* 1996; 21(1): 52-61.
15. Cruz MA. Equívocos da educação sexual em escolas. *J Unicamp* [online] 2004 nov; 250. [citado em 14 nov 2004]. Disponível em: URL: <http://www.unicamp.br/>
16. Gherpelli MHBV. A Educação preventiva em sexualidade na adolescência. Série Idéias, n. 29. São Paulo (SP): FDE; 1996.
17. Lima MMS. Gravidez em adolescentes: o papel da escola pública. *Rev Fac Psicol PUC* 1999; 9: 49-59.
18. Altmann H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Rev Estud Fem* 2001; 9(2): 12.
19. Pinto EB. Orientação sexual na escola. São Paulo (SP): Psicopedagogia Online; 2005. [citado em 14 abr 2005]. Disponível em: URL: <http://www.psicopedagogia.com.br/entrevista.asp?entriID=6>
20. Vilar D. Educação sexual nas escolas- é preciso uma política clara. *J Página Educ* 2004, 13(134): 37
21. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Saúde do jovem e do adolescente. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2003.
22. Egypto AC. O projeto de orientação sexual na escola. In: Egypto AC, organizador. Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante. São Paulo (SP): Editora Cortez; 2003. p. 13-31.
23. Sayão Y. Orientação Sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: Aquino JG. Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas. 3ª ed. São Paulo (SP): Summus Editorial; 1997. p. 107-17.
24. Pinto HDS. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. In: Aquino JG. Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. 3ª ed. São Paulo (SP): Summus Editorial; 1997. p.43-51.

25. Sayão R. A educação sexual nossa de cada dia. Série Idéias, n. 28. São Paulo (SP): FDE; 1997.
 26. Costa DDG, Lunardi VL. Enfermagem e um processo de educação sexual com adolescentes de uma escola pública. *Texto Contexto Enferm* 2000; 9(2): 46-57.
 27. Gomes WA, Costa COM, Sobrinho CLN, Santos CA ST, Bacelar EB. Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes. *J Ped* 2002; 78(4): p. 24-26.
 28. Álvaro Júnior T. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In: Aquino JG. Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas. 3^a ed. São Paulo (SP): Summus Editorial; 1997. p.87-95.
 29. Tonatto S, Sapiro CM. Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências. *Psicol Soc* 2002 jul-dez; 14(2): 18.
 30. Jardim DP, Marques C, Moraes MJ, Marques IR. Contracepção na adolescência: o que há entre o saber e o fazer. In: Anais 55º Congresso Brasileiro de Enfermagem; 2003 nov 10-14; Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Rio de Janeiro (RJ): ABEn; 2003.
 31. Brêtas JRS, Silva CV. Interesse de escolares e adolescentes sobre o corpo e sexualidade. *Rev Bras Enferm* 2002; 55(5): 528-34.
-